

COLÉGIO PEDRO II

Pró-reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura
Ensino de Geografia

Daniel Candido Ferreira

**O TRAJETO ESCOLAR COMO CONHECIMENTO
ESPACIAL DA CIDADE**

Rio de Janeiro
2023.2



Daniel Candido Ferreira

O TRAJETO ESCOLAR COMO CONHECIMENTO ESPACIAL DA CIDADE

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de artigo científico apresentado ao Programa de pós-graduação de ensino de geografia, vinculado à Pró-reitora de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em ensino de geografia.

Orientador Professor Dr. Leandro Riente da
Silva Tartaglia.

Rio de Janeiro
2023.2

COLÉGIO PEDRO II
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA
BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER
CATALOGAÇÃO NA FONTE

F383 Ferreira, Daniel Candido

O trajeto escolar como conhecimento espacial da cidade / Daniel Candido Ferreira. - Rio de Janeiro, 2023.

19 f.

Artigo científico apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Teorias e Práticas da Geografia Escolar) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.

Orientador: Leandro Riente da Silva Tartaglia.

1. Geografia - Estudo e ensino. 2. Geografia espacialidade. 3. Paisagem urbana. 4. Ensino - Metodologia. I. Tartaglia, Leandro Riente da Silva. II. Colégio Pedro II. III. Título.

CDD 910

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB7 5692.

Daniel Candido Ferreira

O TRAJETO ESCOLAR COMO CONHECIMENTO ESPACIAL DA CIDADE

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de artigo científico apresentado ao Programa de pós-graduação de ensino de geografia vinculado à Pró-reitora de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em ensino de geografia.

Aprovado em: 31/10/2023.

Banca Examinadora:

Dr. Leandro Riente da Silva Tartaglia
CP2/TPGE

M.^a Rafaella Lima Paixão Fontes
SME-RJ

Dr. Marcos Vinicius Silva Gomes
CP2/TPGE

Dr. Demian Garcia Castro
CP2/TPGE

Rio de Janeiro
2023.2

O TRAJETO ESCOLAR COMO CONHECIMENTO ESPACIAL DA CIDADE

Daniel Candido Ferreira

Resumo: Esse artigo aborda a proposta de elaboração de um croqui descrevendo o percurso construído pela minha experiência de percurso construído da residência para a escola e o que mais se destaca na paisagem através das observações. Ele tem o intuito de desenvolver uma metodologia, cuja visão geográfica do aluno permita ler a realidade e analisar de forma crítica a paisagem.

Palavras chaves: paisagem; ensino de geografia; trajeto escolar.

THE SCHOOL ROUTE AS SPATIAL KNOWLEDGE OF THE CITY

Abstract: This article addresses the proposal to create a sketch describing the route built by my experience of the route built from home to school and what stands out most in the landscape through observations. It aims to develop a methodology, whose geographic vision allows the student to read reality and critically analyze the landscape.

Keywords: landscape; geography teaching; school route.

dela que o estudante conseguirá descrever o caminho em seu croqui, analisando as mudanças paisagísticas, olhando o mundo com uma visão geográfica durante o seu trajeto. Ao estudar como a paisagem contribui para as estruturas sociais de uma cidade conhecida mundialmente como cartão postal da beleza com uma enorme desigualdade junto de toda a sua diversidade cultural e de pessoas.

A pesquisa tem como objetivo analisar a importância da cartografia para estudantes de diferentes localidades da cidade do Rio de Janeiro e de diferentes classes sociais, observando como o trajeto de casa para a escola pode contribuir para o conhecimento espacial da cidade para o estudante. Também visa a importância do trajeto cartográfico do professor para a construção de suas aulas.

O trabalho é importante para a área de ensino de geografia, pois nos permite verificar como o estudo empírico subjetivo de estudantes com idades entre 11 e 13 anos, ao observar a paisagem, os alunos conseguem se localizar e informar outras pessoas através da elaboração de croquis utilizando conhecimento geográfico aprendido no decorrer de sua vivência acadêmica e social, além de desenvolver um pensamento crítico sobre o espaço que está vivenciando durante este trajeto.

Com a finalidade acima exposta, será possível esquadrihar e indagar como estudantes que passaram quase dois anos fora da escola física e muitas vezes fora do convívio social, conseguem se localizar no espaço geográfico compreendido entre sua casa e a escola, analisando as referências em comum.

A cartografia pode neste caso ser entendida como um sistema de signos, pois ela comunica e desenvolve a percepção de espacialidade. Não só, mas também a memória e de certo modo a atenção de quem está em contato com essa produção cartográfica. Assim, a cartografia parece representar a visão que o aluno tem do espaço que o cerca.

3. METODOLOGIA

3.1. Trajeto percorrido

Esse trabalho sobre o trajeto do estudante seria elaborado em sala de aula, onde eu apresentaria o percurso da minha residência até a escola onde trabalho, desenhando e narrando esse trajeto e descrevendo as paisagens no percurso tão diverso entre a zona sul e a zona norte da cidade do Rio de Janeiro.

Imagem 2 - O trajeto



Fonte: Daniel Ferreira (2023)

O trajeto tem início no bairro da Gávea, na sua parte baixa que segundo os dados do IBGE de 2010 é um bairro com a maior parte da população formado por pessoas brancas, eu faço parte da minoria negra que reside nessa área. No trajeto que realizo de bicicleta até a escola, coloco meu corpo negro no meio de uma branquitude acostumada a enxergar meus semelhantes como empregados. Saio de casa em uma rua bastante arborizada, com grande parte das árvores muito antigas e altas e com jovens árvores replantadas devido a queda de anteriores. O verde do morro da Margarida desce pelas árvores da rua e me dá a sensação de estar numa cidade pacata. Chego aos bares, na praça Santos Dumont com a estátua do que a nomeia, e encontro com o trânsito caótico proporcionado pelas escolas particulares e públicas da área, que desembocam na movimentada rua Jardim Botânico.

Imagem 3 – Praça Santos Dumont



Fonte: Daniel Ferreira (2023)

O verde me acompanha durante todo o percurso e devido ao efeito de borda do parque do Jardim Botânico, a temperatura cai às 6 da manhã, e o frio acerta o meu corpo e avisto o Cristo Redentor no topo do corcovado. A temperatura mais baixa se perpetua até eu deixar a frente do parque, mas não aumenta muito durante o caminho até a rua General Garzon. Isso se deve ao rio que passa, às arquiteturas baixas do jôquei clube marcadas por bustos de cavalos numa de suas entradas, e à lagoa ao fundo. Antes de chegar à Lagoa, viro à esquerda na estátua do Chacrinha, famoso apresentador da década de 50, e avisto mais um canal no meio da Avenida Lineu Paula Machado, que somando-se as grandes árvores da avenida e os jardins do prédio deixam a temperatura mais baixa.

Imagem 4 – Jardim Botânico



Fonte: Daniel Ferreira (2023)

Cruzo a Avenida Borges de Medeiros em direção a Lagoa, vejo o Cristo mais uma vez. Ele irá me acompanhar por quase todo o trajeto, mas na Lagoa ele será obstruído pelas árvores e mangues. Nestes mangues, avisto aves e mamíferos como capivara, numa área urbana da segunda maior cidade do Brasil. Deixo a Lagoa para cruzar a avenida Epitácio Pessoa, onde os bustos dos irmãos Rebouças estão com o rosto em direção ao túnel, segundo a reportagem do jornal o Globo, essas, mais a estátua de Dorival Caymmi são as estátuas de pessoas negras presentes na zona sul do Rio de Janeiro.

Imagem 5 – estátua do Chacrinha



Fonte: Daniel Ferreira (2023)

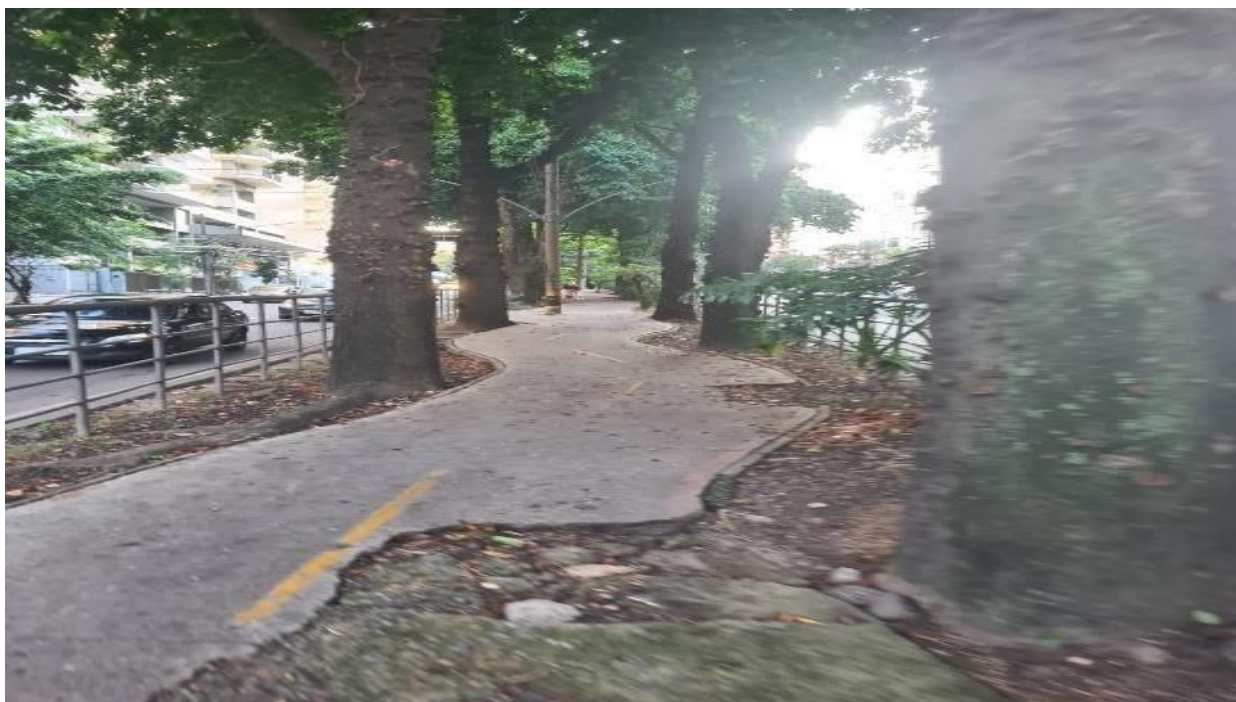
Imagem 6 – Ciclovia da Lagoa



Fonte: Daniel Ferreira (2023)

Subindo a rua Humaitá, a ciclovia se estabelece no canteiro central da rua. O cheiro dos Abricós de Macacos (*Couropita guianensis* Aubl) se propaga no ar até o fim da ciclovia. As copas das árvores se chocam, fazendo um telhado verde no meio de uma larga e muitas vezes congestionada via que é cercada por altos prédios por grande parte do seu caminho. A ciclovia se encerra em frente a um hospital, nesse momento é necessário seguir pela via junto dos carros, o canteiro central reaparece e se estende até o final do bairro do Humaitá, mas sem ciclovias.

Imagem 7 – Ciclovia da rua Humaitá



Fonte: Daniel Ferreira (2023)

Deixo o bairro do Humaitá em direção a Botafogo através da rua Voluntários. Os prédios continuam altos, mas as árvores são mais espaçadas entre elas. O número de pessoas nas ruas é expressivamente maior do que todo percurso que fiz até o momento, residentes, trabalhadores do bairro e moradores de rua dividem espaço em calçadas que não são uniformes, ficando largas e estreitas durante o percurso. Saio da via e entro na Rua Guilhermina Guine, o número de pessoas nas ruas é reduzido, a arborização é ampliada e sigo até a praça radial sul, os prédios se elevam em condomínios com muito vidro de uma nova arquitetura do bairro, consigo avistar o Pão de açúcar dessa rua. Então os prédios diminuem de tamanho, é nítido a idade elevada das construções, as árvores desaparecem da rua e as calçadas não são convidativas para o pedestre que se espremem para evitar andar sobre a via.

Imagem 8 – Praça Radial Sul



Fonte: Daniel Ferreira (2023)

Seguindo pela rua Muniz de Barreto a vegetação retorna a ficar mais densa que se encontra com a mata onde a via circunda, reduzindo a temperatura contrastando com a tráfego intenso e ruidoso da rua Pinheiro Machado. A vegetação do morro se estende até o Palácio da Guanabara e o campo do Fluminense. Logo após a vegetação é suspensa, o viaduto para o túnel Santa Barbara desce em direção a via e passo por debaixo para entrar na rua das Laranjeiras, seguindo pela ciclovia até o largo do machado.

Entre Árvores e flores, avisto turistas, vendedores, pessoas esperando por seus trabalhos, moradores deitados e se comunicando, pessoas deixando estação do metrô e a luz do sol brilhando mais refletindo sobre as vidraças de um novo espigão que transparece fazer com que a fonte no centro da praça se torne um local de encontros e desencontros no meio do trânsito urbano um oásis para construção de relações na cidade.

Imagem 9 – Largo do Machado



Fonte: Daniel Ferreira (2023)

Na rua do Catete, passo por prédios bem altos, e logo depois encontro o Palácio do Catete e diversos edifícios antigos e baixos me acompanham. As calçadas intercalam entre estreitas e largas, e as árvores são espaçadas entre elas até chegar à Glória. Nesse ponto, o Aterro do Flamengo e sua vegetação colidem com o bairro e o verde sombreia as avenidas, criando um túnel verde onde os raios de luz tentam passar e muitas vezes fazendo o asfalto brilharem refletir nos vidros de garrafas de cerveja quebradas. Essas garrafas são frequentemente descartadas na rua, sem serem reutilizadas ou recicladas pelas empresas que as vendem e muitas vezes navalham a pele e os pneus das bicicletas.

Imagem 10 – Avenida Augusto Severo



Fonte: Daniel Ferreira (2023)

Em um de seus diversos canteiros centrais e pequenas praças do bairro, todas as manhãs, avisto a distribuição do café da manhã para pessoas em situação vulnerável. Dezenas de pessoas formam filas à espera de um café da manhã, onde o café e o pão francês sempre saltam aos meus olhos enquanto espero o sinal abrir para que eu possa cruzar a avenida e seguir o meu caminho. A maior parte dessas pessoas tem a pele parecida com a minha. Neste momento, começo a ver uma grande quantidade de pessoas negras pelas ruas. Não que durante o caminho não conseguisse encontrar, mas o número aumenta felizmente, e a diversidade da cidade, finalmente começa a aparecer, graças à proximidade com o centro da cidade.

Avisto o Passeio Público, a cobertura vegetal chega ao fim, os arranha-céus do Centro parecem que vão tocar o céu. O vidro e o mármore refletem a luz e o verde da praça geram um grande contraste. A temperatura sobe, a luz e o calor do sol ficam mais intensos. Palmeiras que não projetam grandes sombras surgem no canteiro central, e os imponentes Arcos da Lapa tomam a paisagem e o cenário de um filme parece se formar. Turistas dividem a praça em frente aos arcos com moradores de rua, trabalhadores caminham apressadamente e passo por debaixo dos Arcos.

Imagem 11- Arcos da Lapa



Fonte: Daniel Ferreira (2023)

O cheiro de bebida, lixo e urina ainda persistem durante os raios da manhã. Os trabalhadores da Comlurb, empresa pública de limpeza da cidade do Rio de Janeiro, surgem com seus uniformes laranja, junto com grandes caminhões, jogando água com sabão e tirando todo o lixo deixado pela noite boêmia do dia anterior. Nas segundas e sextas, costumo visualizar jovens embriagados pela manhã. Um samba que insiste em não encerrar força um sorriso nos meus lábios. Casais apaixonados demonstram suas paixões em praça públicas, e cantorias entre amigos - trazem memórias de uma juventude não tão distante.

Subo a rua Mendes de Sá em direção à Praça da Cruz vermelha, e o trânsito está bastante intenso ao redor dela. É muito comum a distribuição de café da manhã para pessoas vulneráveis nesse local. A polícia costuma ficar no entorno da praça, mas isso não impede o cheiro de maconha pela manhã. Continuo até o final da rua viro à esquerda até encontrar o batalhão central da polícia militar.

A escola de formação da polícia fica ao lado do batalhão, e o prédio espelhado reflete todo o cenário de casarões antigos do quarteirão. Sempre me observo pedalando no caminho, mesmo que brevemente devido à velocidade da bicicleta. Quando me viro para frente, policiais com fuzis cruzando os tórax, parecendo um porta bandeira do carnaval, guardam a entrada do quartel. As pessoas demonstram normalidade com o armamento de guerra na rua. Muitas vezes, o trânsito é interrompido por um comboio de carros pretos saindo de dentro do quartel. Muitos policiais estão sentados nas caçambas desses carros com armas enormes. Grande parte desses homens possui a quantidade de melanina muito semelhante à minha, e olho para eles e eles me olham de volta. É muito comum eu me enxergar nesses homens.

Imagem 12 – Batalhão da polícia militar



Fonte: Daniel Ferreira (2023)

Aproveito que os carros pretos pararam o trânsito e sigo com eles passando por baixo do elevador que segue em direção ao túnel Santa Barbara. Leio a placa que anuncia: “O maior carnaval do mundo”. O sambódromo costuma evocar memórias de carnavais passados; a grande avenida é mágica mesmo sem a folia. A luz do sol ilumina a avenida, revelando todo o brilho e a magia de fevereiro, mesmo que por apenas alguns segundos.

Imagem 13 – Sambódromo



Fonte: Daniel Ferreira (2023)

Sigo pela rua que tem casarões antigos e de cores brancas envelhecidas, esses casarões parecem ser divididos em diversos apartamentos habitados por diversas famílias., Senhoras aparecem nas janelas, observando a movimentação na via, evocando lembranças do subúrbio carioca na minha imaginação. As imponentes árvores se estendem por todo o percurso da via que se dirige à Tijuca, e aumento a intensidade das pedaladas para acompanhar o trânsito.

A escola de samba Estácio de Sá surge com suas cores vermelho e branco e, ocupando um grande casarão com espadas de São Jorge. O hospital da Polícia Militar do Rio de Janeiro aparece imponente na rua, destacando-se dos prédios baixos que me acompanharam durante todo o percurso. Olho para a esquerda, onde frequentemente observo o carro blindado da polícia militar. Na maioria das vezes é um caminhão preto com ferro pela frente, tendo diversos de balas em suas estruturas metálicas. Este “caveirão”, apelido popular deste veículo, fica estacionado na frente da creche da favela do São Carlos, em um dos seus principais acessos. Ao fundo, o Cristo Redentor é visível na direção do braço esquerdo, mas deste lado a polícia está posicionada de maneira diferente. Prossigo pela praça do Estácio, cercada por diversos prédios, incluindo a sede da prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, onde se localiza o escritório do prefeito. Este prédio de concreto e vidro contrasta com os outros, especialmente com o morro do São Carlos ao fundo.

Na praça, observo idosos fazendo exercícios pela manhã e trabalhadores estudantes no ponto de ônibus. Muitas vezes, encontro meus alunos esperando o ônibus para a escola, chamando pelo meu nome enquanto aceno com um sorriso, atraindo olhares curiosos. Continuo em direção à rua Hadock Lobo, onde um grande grafite da vereadora Mariele Franco, representante do poder legislativo da cidade do Rio de Janeiro, e seu motorista Este mural, parte dos muros desta rua, eterniza a memória de Marielle, mulher negra, favelada e lésbica, que lutava pelos direitos das minorias e dos trabalhadores. Marielle foi tragicamente assassinada nesta rua, ao lado de seu motorista, e até hoje o mandante deste crime não foi encontrado.

Imagem 14 – Grafite da Vereadora Mariele Franco



Fonte: Daniel Ferreira (2023)

Paro no semáforo da rua, o dia vira noite mais afrente, o elevado da avenida Paulo de Frontin, escurece e torna cinza esta rua que tem um rio no seu canteiro central, mesmo muitos chamando de valão, devido ao esgoto e o lixo presente, ele continua sendo um rio no bairro do

Rio de Comprido. É possível avistar os troncos das árvores, mas suas copas estão suspensas acima do viaduto, demonstrando que elas são mais antigas que ele, pois necessitam da luz para se desenvolver e se fosse plantada antes da via, certamente teriam muita dificuldade para se desenvolver devido penumbra da avenida. O elevado facilitou muito o trânsito da cidade em direção a zona sul, pois este elevado conecta ao outro lado do túnel Rebouças, entretanto, o bairro do Rio Comprido passou a ter uma rua escura durante o dia e pouco iluminada a noite, aumentando o medo e a violência urbana.

Passo pelo elevado e as árvores da rua começam a ficar mais próximas, os prédios mais altos e a arquitetura deles volta a remeter aos prédios da zona sul, a rua é uma subida íngreme, onde preciso intensificar a força nos pedais, costumo encontrar alguns ex-alunos que foram para o ensino médio em uma escola estadual. O duto do metrô presente na calçada faz ecoar o ranger do veículo sobre os trilhos, as árvores desta rua são tão grandes que em partes da rua elas parecem se chocar e os prédios altos e muitas vezes com muito vidro, dão um brilho na cidade e montam um belo cenário com morros ao fundo no ápice da rua, logo em seguida desço em velocidade para pegar o sinal aberto e encontro com a praça Afonso Pena.

Na praça Afonso Pena, vejo muitos idosos fazendo exercícios, em sua maioria brancos, ela é bastante arborizada e muito frequentada por pessoas pela manhã e com um mercado em frente a praça. Esse mercado no Rio de Janeiro, costuma estar presente somente em áreas de classe média, simbolizando uma diferenciação deste único bairro da zona norte a receber esse mercado. Ao redor desta praça, consigo visualizar diversas padarias, restaurantes e cafés, somando-se a saída do transporte de massas, o metrô, tudo isso faz com que a circulação de pessoas seja intensa.

Sigo na rua e a arborização continua muito próxima, os prédios colados uns nos outros e finalmente chego na praça. Antes de atravessar, vejo o rio, esse rio passa por baixo da escola onde trabalho, ele foi canalizado para isso. A praça tem uma faixa verde pintada na rua que segue no decorrer da rua São Francisco Xavier, essa faixa deixou a calçada mais larga, e os alunos da escola Municipal Orsina da Fonseca colaboraram com ideias para o desenvolvimento dela junto da CET RIO.

Imagem 15 – Igreja de São Francisco Xavier do Engenho Velho



Fonte: Daniel Ferreira (2023)

Chegando na Igreja de São Francisco Xavier do Engenho Velho, me viro e vejo a favela

do Turano, Formiga e mais a frente Salgueiro, e logo acima a floresta da Tijuca. Caminho com a bicicleta e chego ao meu destino, a Escola Municipal Orsina da Fonseca.

4. ANÁLISE DOS DADOS

4.1. A paisagem na elaboração do trabalho

A ideia de iniciar o trabalho apresentando o meu trajeto de escola para o trabalho, tem intuito de também trabalhar o cenário de paisagem com os estudantes, os levando para uma viagem geográfica durante as aulas, que segundo Lana “Na experiência cotidiana, viagens geográficas são feitas todos os dias; nos deslocamentos cotidianos, todos fazem o tempo todo Geografia, produzem e reproduzem espaços, suas práticas são condicionadas por essas espacialidades” (CAVALCANTI, 2013, p.222), com isso os estudantes estariam analisando como essa paisagem pode ser construída e vendida com uma ideia de viver num cartão postal, numa cidade maravilhosa e como isso pode impactar na vida e dinâmica dos habitantes dessa cidade e qual perspectivas esses estudantes tem do seu trajeto? Como a cidade é vista através dos olhos de estudantes de uma escola pública? Eles gostariam de mudar algo?

Criar um pensamento crítico através da paisagem é o que pretendo através desta atividade, pois segundo Lana de Souza Cavalcanti “A seleção da paisagem geográfica como eixo para abordar os conteúdos escolares tem a ver com a compreensão de que aprender sobre tal conceito ajuda as pessoas a verem melhor o mundo” (CAVALCANTI, 2013, p.219), acredito que analisar um percurso que o estudante realiza, pelo menos cinco vezes na semana, facilite o estudante criticar o que ele observa nesse caminho e como ele gostaria que fosse esse caminho, pois se você vivencia aquela realidade, eles serão os mais propensos para altere-la.

Pretendo descrever o deslocamento através dos sentidos com o intuito que o estudante imagine aquele percurso através de suas vivências e estimular a pesquisa de cheiros, lugares, objetos para conseguir vivenciar o local descrito ou utilizar da memória para tentar recapitular vivências deste jovem através da cidade, pois segundo Lana “contemplar, descrever a paisagem aguça o sensível, o racional, o imaginário, o corporal, podendo levar a uma “reconciliação das faculdades (razão e sensibilidade) separadas pela ciência” (Besse, 2010). O contato com uma paisagem permite certo olhar, e com esse olhar é possível a apreensão para além da experiência mais imediata.” (CAVALCANTI, 2013 p.225)

O estudante também irá se apropriar do conceito de espaço, esse espaço através da acumulação do produto social e histórico em que é concebido, trazendo ferramentas para analisar o trajeto de forma crítica e autônoma dentro da realidade que está inserido e amplificando o propósito inicial do trabalho que está para além de se localizar.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desenvolvi esse trabalho para ser elaborado com uma turma do sexto ano, apresentando o meu deslocamento diário observando a paisagem nesse percurso. O trabalho foi feito em uma turma do sexto ano, onde os estudantes elaboraram um croqui do seu deslocamento de casa para a escola e tiveram que apresentar para os seus colegas como ele vivenciava esse percurso e que ele observava. Infelizmente devido ao tempo não se tornou viável conseguir autorização dos responsáveis dos estudantes e da prefeitura para dar continuidade a pesquisa.

Graças as aulas da pós-graduação e a obrigatoriedade de apresentar um artigo ao final do curso, consegui elaborar um texto sobre um trabalho que já apliquei em outras turmas, mas nunca tinha escrito um texto sobre ele. Pretendo aplicar esse trabalho com o sétimo ano no próximo ano

e através dele desenvolver as habilidades deste ano com os alunos, partindo da realidade deles e apresentando conceitos do sétimo ano.

REFERÊNCIAS

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Apre(e)nder a paisagem geográfica: a experiência espacial e a formação do conceito no desenvolvimento das pessoas**. In: PEREIRA, Marcelo Garrido (Comp.). *La opacidade del Paisaje imagens e tempos educativos*. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2013. Cap. 10, 219-239.

OLIVEIRA, Thiago Ranniery Moreira de Oliveira de. **Mapas, dança, desenhos: a cartografia como método de pesquisa em educação**. PROPOSICOES, PROPOSICOES, Minas Gerais: v. 23, n. 3, p. 159 – 178, 11 2012.

RIBEIRO, Geraldo. **Levantamento mostra que menos de 10% dos monumentos no Rio retratam pessoas negras**, *Jornal O Globo*, 2023. Disponível em <https://oglobo.globo.com/rio/noticia/2023/05/levantamento-mostra-que-menos-de-10percent-dos-monumentos-no-rio-retratam-pessoas-negras.ghtml>, acesso em: 10 jun. 2023.